

Experiência de constituição de um espaço pré-político: estudo de caso de uma comunidade urbana em Ponte Nova-MG

The experience of establishing of a pre-political espace: case study of aa urban community in Ponte Nova-MG

*Ricardo Duarte Gomes da Silva¹
Simone Martins²*

RESUMO: Trata-se do mapeamento das comunicações oriundas do espaço pré-político em uma comunidade urbana de maioria idosa, que dizem respeito à sua caracterização e que sinalizam para uma possível pauta de agenda de resolução dos problemas coletivos. Para tanto, foram utilizados grupos de discussão e foto etnografia, respaldados em teorias sobre espaços deliberativos pré-políticos. Como resultado do processo comunicativo na referida comunidade, houve o resgate da memória do espaço com apresentação de narrativas, a constituição de uma sociabilidade capaz de permitir o desenvolvimento de políticas de cooperação e círculo de reciprocidade e o levantamento de problemas coletivos que demandam políticas públicas.

ABSTRACT: It is the mapping of communications originating in the pre-political space in an urban community that is mostly elderly, which relates to its characterization and which point to a possible agenda for solving collective problems. For that, discussion groups and photo ethnography were used, supported by theories on pre-political deliberative spaces. As a result of the communicative process in the mentioned community, the rescue of the memory of the space with presentation of narratives, the constitution of a sociability capable of allowing the development of cooperation policies and a circle of reciprocity and the lifting of collective problems that demand public policies.

1 Professor do Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Viçosa. E-mail: ricardoduarte.ufv@gmail.com.

2 Professora do Departamento de Administração, Universidade Federal de Viçosa, Coordenadora Geral do Grupo de Trabalho Clacso Espaço Deliberativos e Governança Pública (GEGOP). E-mail: simmone.martins@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento ativo. Espaço pré-político. Política de cooperação.

KEYWORDS: Active Aging. Pre-Political Space. Cooperation Policy.

I. INTRODUÇÃO

Antes de se discutir a resolução de problemas nos espaços de deliberação na sociedade, os espaços pré-políticos podem ser vistos como um lugar da constituição de uma sociabilidade, capaz de permitir o desenvolvimento de políticas de cooperação e círculos de reciprocidade já existentes em uma comunidade. As pessoas buscam a resolução de seus problemas do dia a dia comunitário, mas de modo subliminar, antigos problemas entre vizinhos, grupos, familiares e individuais – ainda pulsantes na experiência de vida dos sujeitos – se relacionam com os problemas coletivos. A tessitura dessa experiência funcionando como mediação influencia a vontade dos sujeitos em participar tanto da constituição de uma sociabilidade quanto na resolução de problemas comunitários.

Os problemas subliminares que marcam a experiência e medeiam as formas de fazer e de ser na comunidade não seriam identificados em um primeiro momento, exigindo tempo para um levantamento e identificação. Para além das práticas predeterminadas organizadas por gestores e pesquisadores, o estudo do espaço pré-político de comunidades necessita de um olhar mais detalhado e minucioso dos aspectos significativos que influenciam o comportamento de uma comunidade. Talvez por isso a produção de textos que contemplem esta temática seja tão escassa, como, por exemplo, nenhum trabalho foi encontrado na busca dos títulos disponíveis no Scielo que contemplem espaço pré-político, o que motivou a realização deste estudo.

Este texto tem o objetivo de refletir sobre a possibilidade de constituição, em comunidades urbanas, de um espaço pré-político através do estímulo à sociabilidade e uso de metodologias qualitativas. Ele apresenta a experiência desenvolvida durante o ano de 2016 junto à “Comunidade do Beco”, local com população, em sua maioria idosa, moradores da Rua Caetano Alves da Silva, no Bairro Triângulo, município de Ponte Nova, região ao Leste do Estado de Minas Gerais. Nosso trabalho foi desenvolvido junto ao grupo de idosos do bairro, na tentativa de constituição ou fortalecimento de um espaço de sociabilidade que propicie um convívio comunitário capaz de, em um segundo momento, permitir a discussão e o acoplamento dos problemas especificamente dos idosos residentes da “Comunidade do Beco”.

Neste sentido, através da proposta de atividades diversas, capazes de estimular os idosos a expor seus problemas pessoais e familiares associados ao coletivo, fizemos uso de dois métodos qualitativos: o registro fotográfico feito por eles mesmos (o método etnofotográfico) e os encon-

tros para conversas (método do Grupo de Discussão). Tais aproximações permitiram observar tanto o cotidiano dos idosos quanto a voz do grupo em meio aos detalhes daquilo que faz sentido para eles. Posteriormente, nosso esforço esteve em associar estes aspectos levantados e identificados a uma pauta específica dos problemas apontados, na busca de discutir sua solução. Observando este espaço pré-político de cooperação entre eles, entendemos como ocorrem a autonomia do grupo, seus limites e possibilidades e perspectivas.

Trata-se de um processo comunicativo entre dois espaços que dinamizam trocas significativas: o espaço pré-político – de levantamento e identificação dos detalhes dos problemas individuais e familiares associados à comunidade; da composição de uma pauta de discussões sobre os problemas em foco – e do espaço político – de discussões no executivo e no legislativo sobre possíveis políticas públicas para as deliberações.

Assim, no pré-político, haveria uma primeira etapa do processo com discussões em torno de argumentos menos racionais, que será finalizada com uma segunda etapa, o encaminhamento da pauta de reivindicações ao espaço político deliberativo. Isto porque se o espaço político de deliberação não se restringe aos argumentos racionais (Maia, 2008), o espaço pré-político menos ainda, pois não seria objetivo decidir por algo. E diversos autores já sublinham a importância das emoções neste processo de encaminhamento dos problemas públicos e coletivos (PAPERMAN, 1992; MANSBRIDGE, 1999; CHAMBERS, 2004).

2. REFERÊNCIA TEÓRICA

Reguillo-Cruz (2007) considerou as cidades como espaços privilegiados para a comunicação e reivindicou o estudo das cidades na Comunicação por ser a cidade um espaço de organização da diversidade, embates e negociações entre diferentes grupos sociais. Existem diversas configurações de cidades – em termos de tamanho, desenvolvimento urbano, histórico e socioeconômico – assim como existem diversos tipos de comunidades e grupos sociais. Esses espaços no microssocial seriam definidos por configurações culturais e simbólicas, segundo cada diversidade comunitária, definida pela forma de vida construída tanto pelo sujeito quanto pelo coletivo.

Cada sistema de vida comunitário tem vida própria, independentemente do estudo de pesquisadores ou das políticas do Estado, por exemplo. Ou seja, os sujeitos na comunidade desenvolvem uma forma de vida que lhes é própria. Contudo, problemas específicos de um bairro podem interagir por interdependência com outros sistemas: o cotidiano dos três poderes do Estado, de instituições religiosas, de setores do comércio do centro da cidade, das associações de outros bairros etc. Falando do sistema estruturado governamental do Estado (o funcionamento dos postos de saúde, da coleta de lixo, da pavimentação, da iluminação, da

água encanada e do esgoto etc.), de que maneira podemos refletir sobre um sistema de vida comunitário que interage com o Estado e vice-versa?

Em outra oportunidade (SILVA, 2017), já mencionamos Hendriks (2006) sobre as correntes na teoria deliberativa, com ideias diferentes sobre como os cidadãos e grupos devem se relacionar com o Estado e se eles devem assumir um papel comunicativo ou estratégico na política deliberativa. Os “microteóricos deliberativos” sugerem que os atores da sociedade civil se envolvam na política na medida em que eles são dispostos e capazes de participar de fóruns deliberativos estruturados. Neste sentido, pessoas específicas de uma comunidade seriam chamadas a assumir formas comunicativas de ação nos espaços de deliberação. Para Hendriks, no entanto, importa um sistema mais integrado com uma sobreposição discursiva das duas esferas: o sistema estruturado governamental do Estado com o sistema aberto de conversação das pessoas no espaço público – para atrair diferentes atores da sociedade civil. “A mistura de esferas discursivas é um componente crucial dessa proposta, porque elas encorajam diversos atores a se reunir e promover conversas públicas macro e micro” [tradução nossa] (HENDRIKS, 2006, p. 3). A autora aposta em um sistema deliberativo que *identifique a resposta* nas interpretações dos atores sobre os conceitos específicos que estão em jogo. Muito da falta de comunicação e do desentendimento se dá por conta dessas compreensões enviesadas sobre conceitos e ideias de uma proposta, que geram diferentes interpretações e usos.

A proposta de um sistema deliberativo que regule as duas esferas e permita identificar a resposta dos atores sobre assuntos importantes em jogo é confirmada por Neblo (2005), que, na primeira parte do artigo intitulado “Uma visão sistêmica da deliberação: pensamento através da democracia: entre a teoria e a prática do deliberativo”, afirma a defesa dos principais teóricos deliberativos sobre a ideia da deliberação como um sistema, pois “reconhecem que os sujeitos não conduzem a discussão política de uma situação ideal” [tradução nossa] (NEBLO, 2005, p. 3).

Entretanto, seria Goodin (2005) que explicaria melhor a tarefa de dividir as atividades de deliberação dentro de um sistema que permita saber o que o outro quer dizer com suas afirmativas. Goodin (2005) parte do princípio da “boa prática deliberativa”, quando a pessoa diz o que realmente acredita ser “verdade”. Esta garantia não existe, pois nem sempre os sujeitos estão dispostos a dizer “a verdade” sobre suas crenças. Então, a garantia estaria *na relação* estabelecida considerando as conversações, no dissenso, em um tipo especial de encontro, no caso, nos espaços pré-políticos.

Assim, observamos, nos textos desses autores, preocupação com um sistema de sequenciamento dos dois momentos: pré-políticos, tendo em vista o dissenso e o consenso nas conversações; e políticos, via processos formais de deliberação. O primeiro momento busca decompor em

partes os afetos individuais e coletivos vinculados às questões coletivas, permitindo avançar para a formatação de um quadro de questões a serem discutidas na busca de resolução de problemas, capaz de influenciar a pauta de discussões nas instâncias de deliberação política.

2.1. POLÍTICA DE COOPERAÇÃO E O CÍRCULO DE RECIPROCIDADE

Associamos ao espaço pré-político o elemento da *solidariedade*, que estaria no foco tanto da “política da cooperação” (SENNETT, 2012) quanto do “círculo de reciprocidade” (SOUZA, 2014). Para decompor os afetos individuais e coletivos que dizem respeito às questões da comunidade, tentamos primeiro compreender a realidade dos idosos da Comunidade do Bairro Triângulo.

Ao estudar o cotidiano de jovens pobres no Brasil e suas famílias, Souza (2014) mencionou o termo “círculo de reciprocidade” para se referir a uma solidariedade íntima vinculada à família. É comum nos contextos pobres brasileiros a existência de ações do tipo: o neto e o tio ajudam a consertar a antena de tevê da avó; o genro conserta a porta da casa da sogra enquanto ela faz o almoço em família. Estes seriam os chamados “círculos de reciprocidade”, táticas do povo em que as práticas de solidariedade se desenvolvem entre pessoas da família, de parentesco e compadrio. Estas práticas comungam com a ideia da “política de cooperação” de Sennett (2012). Os afetos presentes no espaço pré-político se envolvem com este tipo de solidariedade, de cooperação e reciprocidade, praticada pelos indivíduos de uma coletividade.

Jogando contra esta solidariedade, Sennett (2012) explica que existem aspectos socioculturais, físicos, psicológicos e/ou econômicos que podem debilitar a cooperação entre os idosos. São elementos como problemas de locomoção e saúde debilitada, pontos de vista diferentes, distinções de classe, ausência de lideranças, espaço físico inadequado, desavenças familiares, entre outros. Mesmo em um pequeno bairro, vila ou rua, a cooperação e a reciprocidade podem sofrer tais entraves.

O círculo de reciprocidade funciona no sistema de vida comunitário como um elemento que minimiza aquilo que debilita a cooperação. Vejamos o exemplo da “cooperação com habilidade”: alguém na comunidade que saiba fazer algo pelo outro (consertar, cozinhar, bordar, receber os outros em sua casa, pagar contas, carona para o posto de saúde etc.). Estes sujeitos se diferenciam ao assumir *um papel comunicativo e estratégico na política de cooperação da comunidade*, envolvendo-se menos em fóruns deliberativos estruturados do que nos encontros informais cotidianos do bairro. São pessoas que, por solidariedade, assumiram de modo voluntário formas comunicativas de ação no espaço pré-político de sua comunidade.

Estes e outros sujeitos fazem o sistema de vida comunitário funcionar por si só, independentemente da presença do Estado e de outras

instituições. E assim temos algumas das muitas formas de compromisso (SENNETT, 2012) dos sujeitos do bairro. Essa “cooperação com habilidade” na Comunidade do Beco, Bairro Triângulo, se torna ainda mais necessária: fazer algo pelo outro que está acamado, consertar algo para o vizinho com problemas de visão, tornar sua casa um ponto de apoio para troca de receitas, ajudar a vizinha servindo de babá para o neto etc. Todas as atividades exigem habilidade dos moradores, mas também apresentam formas de compromisso baseadas naquilo que se faz necessário para o sistema de vida comunitário, levando em conta a capacidade e o gosto de fazer de cada um.

2.2. ACOPLAMENTO: ESPAÇO POLÍTICO-DELIBERATIVO E ESPAÇO PRÉ-POLÍTICO COMUNITÁRIO

O pesquisador de comunidades que se propõe fazer um levantamento e uma identificação dos modos de cooperação, reciprocidade e os problemas existentes, exerce uma experiência própria (seus costumes, sua formação) que medeia o sistema de vida comunitário e o sistema acadêmico de produção do conhecimento³.

Há aqui, nos limites deste texto, um esforço em trabalharmos sistemas no sentido da vida própria desenvolvida pelos sujeitos: o sistema de vida nas instituições, nas comunidades, entre outras *formas de vida*. Este termo “forma de vida” foi revelado pelo filósofo italiano Giorgio Agamben no livro *Meios sem fim*, quando fala de experiências e fenômenos que durante muito tempo não foram considerados políticos: a vida natural das pessoas ou como ele diz a zoé excluída daquilo propriamente político (AGAMBEN, 2015). Acredita-se que não seria possível falarmos em “forma de vida” sem mencionarmos a noção de comunidade. Caberia em outro texto a articulação de tal noção junto ao objeto empírico estudado (a “Comunidade do Beco”), mas é interessante refletir que a *comunità* de Agamben se afasta do sentido de “a comunidade”, “comunismo” ou “comunitarismo”. A *comunità* seria inoperante, impolítica, como uma forma de vida que estaria sempre no entremeio de uma coletividade, nunca acabando de chegar por inteira, sempre em construção, mas também uma vida que está sempre resistindo tanto ao coletivo quanto ao indivíduo (AGAMBEN, 2013). Por este caminho (ainda em construção), observamos a necessidade de mediadores entre o sistema de vida comunitário (a zoé, que é própria de cada comunidade, anda por si mesma) e os sistemas políticos deliberativos dos poderes públicos, em um trabalho que estaria sempre se constituindo,

3 O livro de Roberto Cardoso de Oliveira, *O trabalho do antropólogo*, mostra essa difícil tarefa do pesquisador em “ser meio” entre esses dois mundos, o acadêmico e o comunitário. C.f.: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

por conta também das resistências próprias desta forma de vida.

Existem, então, *diferenças* do trabalho em cada sistema de vida: o senso comum e os modos de ser e fazer próprios de uma comunidade em relação com o pensamento científico acadêmico e as maneiras de se produzir conhecimento. Do mesmo modo, existem diferenças entre os espaços pré-políticos das comunidades e os espaços políticos deliberativos, como também acoplamentos – no sentido de experiências mediadas, relações e interações – por pessoas (representantes oficiais do bairro ou pessoas comuns satisfeitas em apenas colaborar) e pelas tecnologias (sites, e-mails, vídeos, redes e aplicativos). Tanto as pessoas quanto as tecnologias trabalham promovendo acoplamentos entre os espaços pré-políticos e os políticos deliberativos.

Cada sistema de vida trabalha independentemente do outro, mas sempre promovendo acoplamentos: a comunidade, a universidade, o poder público municipal etc. No bairro, por exemplo, podemos observar o trabalho das recompensas materiais e imateriais diárias entre os próprios moradores, o jeito próprio de trabalhar com aquilo que está ao alcance deles, realizar coisas na medida das possibilidades de cada um, a convivência com os problemas coletivos, mas também as formas de solidariedade, reciprocidade e cooperação (o trabalho artesanal feito de um vizinho para o outro; a troca de receitas; os jogos coletivos; os momentos diários de conversas para ouvir o outro e perguntar se está tudo bem). Esse sistema de vida comunitário compõe o que se chama de espaço pré-político.

Importante ressaltar dois aspectos: 1) neste ambiente pré-político, circulam diversos grupos: crianças, jovens, adultos e idosos. A ação de cada grupo faz parte das seleções, vinculações e atribuições feitas pelo grupo e define a comunidade em suas soluções e conflitos. Contudo, uma comunidade urbana formada mais por idosos do que por adultos irá ter um delineamento comunitário mais inclinado às necessidades dos idosos; 2) O sistema de vida na “Comunidade do Beco” não está isolado do sistema de vida do bairro Triângulo e do município de Ponte Nova. Porém, as interferências entre sistemas ocorrem de modo a modificar minimamente os aspectos socioeconômicos, culturais e simbólicos já existentes na forma de vida da comunidade.

As *intervenções arbitrárias sem consulta comunitária* decorrem da ausência daquilo que seria intrínseco ao processo do acoplamento: o respeito àquilo já existente, em funcionamento em um sistema de vida (comunitário, institucional etc). Tendo em vista os acoplamentos, para que elementos modificadores se adaptem à comunidade sem causar novas frustrações e indignações (debilitando ainda mais a cooperação e a solidariedade), seria preciso que tais elementos de mudança alcançassem aderência ao próprio sistema de vida comunitário.

Da mesma forma, o sistema político deliberativo das instituições

tem vida própria, diferentemente do sistema comunitário. O trabalho cotidiano em uma instituição se desenvolve de forma independente e intervenções sem consulta ao sistema igualmente podem tornar ingovernáveis as políticas públicas, os trabalhos rotineiros e demais encaminhamentos.

As interações entre os dois sistemas, ao que parece, precisam ser reguladas de forma contínua pelos sujeitos envolvidos na relação, respeitando ambos os espaços. Se nos sistemas de vida comunitário ou espaços pré-políticos, são observados o fluxo comunicativo da sociedade civil e o seu reacoplamento com a política, segundo Habermas (2002), esses sistemas preservam o ideal democrático e abrem possibilidade de revitalização da esfera pública⁴. Daí a importância do acoplamento para preservar a democracia e produzir políticas mais justas e condizentes com o ideário de sociedade, favorecendo a solidariedade e a cooperação.

Quanto menos regulada continuamente esta relação, maior a possibilidade de os sujeitos em cada um desses espaços viverem à mercê das relações problemáticas do lugar onde trabalham suas práticas. Assim, as interações (relações, acoplamentos, experiências mediadas) entre sistemas de vida diferentes são fundamentais para a sobrevivência de ambos e do próprio organismo social.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme já destacado na introdução, com este trabalho buscou-se mapear as comunicações oriundas do espaço pré-político em uma comunidade urbana de maioria idosa que dizem respeito à caracterização da comunidade e sinalizam para uma possível pauta de agenda de resolução dos problemas coletivos. Trata-se do relato da experiência de uma das ações do Programa de Extensão Universitária da UFV “Ações Para o Envelhecimento Ativo” desenvolvido no Bairro Triângulo, município de Ponte Nova - MG.

Para tanto, numa abordagem de pesquisa qualitativa descritiva, optou-se por utilizar grupos de discussão e foto etnografia como principais técnicas de coleta de dados. Notas de campo também foram utilizadas de maneira complementar. Os dados foram coletados durante todo o período de maio a novembro de 2016, contemplando os 17 idosos participantes do referido programa.

De início, os idosos contemplados no âmbito do Programa de Extensão “Ações para o Envelhecimento Ativo” participaram de um curso de fotografia, traduzido como ação para a inserção digital. Posteriormente, foram convidados a fotografar o seu cotidiano e, por um período de 15 dias, estiveram de posse de câmeras fotográficas, cedidas pelo programa de

⁴ Dimensão que agrupa uma pluralidade de espaços nos quais membros da sociedade (atores públicos e privados) se encontram para discutir assuntos públicos, podendo gerar uma opinião pública (HABERMAS, 2012a e b).

extensão, com as quais eles registraram o lugar onde vivem, com liberdade para registrar o que lhes chamasse atenção.

Após o período acordado com os idosos, as máquinas fotográficas foram recolhidas e as fotos reunidas no banco de dados do projeto. Algumas foram reveladas para permitir mais fluidez nas discussões no encontro que se realizaria posteriormente. Utilizamos, então, o método etnofotográfico como apoio à nossa pesquisa.

O método busca o registro feito pelos próprios participantes de seu cotidiano, dando mais importância ao que está na foto para construir uma leitura independente dos textos. A imagem enquadrada pelos participantes fala por si só sobre seus interesses cotidianos. O objetivo seria colaborar para a constituição de um perfil do cotidiano dos idosos, sendo que para a organização do texto também foram utilizados notas e apontamentos, gravações em áudio, conversações informais, observações participantes, roda de conversas e grupos de discussão.

As rodas de conversas e grupos de discussão ocorreram na casa de um dos idosos do Beco, sob a coordenação do moderador e com a ajuda de um observador. Todo processo foi registrado em notas de campo, fotos e vídeos e, ao final, foi preparado um relatório de pesquisa para tornar possível descrever os resultados.

Como resultados, primeiramente se busca apresentar o pré-diagnóstico da Comunidade do Beco, realizado no início da pesquisa e, posteriormente, a descrição do objeto empírico. Em ambas as descrições, podem-se notar as características da comunidade e os problemas comuns que as afetam e que podem ser passíveis de encaminhamento para as instâncias de deliberação política.

4. UM PRÉ-DIAGNÓSTICO DA “COMUNIDADE DO BECO”

O sistema de vida do Beco começou com as primeiras famílias, que encontraram uma rua sem a presença do poder público: sem estrutura de saneamento, sem iluminação adequada e sem segurança. Contudo, o contexto era de início do processo de ocupação daquele lugar. Hoje, os participantes relatam que, mesmo sem algumas condições ideais na comunidade, o Beco sempre foi provido pela prefeitura municipal. O sistema de vida dos moradores funciona em meio às deficiências atuais de esgotamento sanitário, que tem gerado problemas com as enchentes do rio. Ainda assim, os participantes afirmaram que dispõem das condições que julgam necessárias para uma vida digna, tais como acesso a posto de saúde, escolas, creches, igrejas e praça.

Compõem as características do grupo de idosos pesquisados as atividades cotidianas de observar as notícias do dia nas mídias, comentar com os vizinhos, exercer ajuda mútua entre eles, ajudar parentes e amigos com dificuldades de locomoção. Todas essas atividades fazem parte

da *experiência de envelhecimento* dos idosos. Tais interações cotidianas comunitárias já existentes fazem parte das formas de sociabilidade dos idosos e, ao serem levantadas e identificadas, podem ser observadas tanto pelos idosos quanto pelos outros moradores como aspectos culturais fundamentais, pertencentes ao espaço coletivo da comunidade (a experiência de envelhecimento está intrínseca às experiências dos jovens, adultos e crianças habitantes da “Comunidade do Beco”).

O sistema de vida do Beco interage com o sistema do poder público na medida do funcionamento regular da coleta de lixo, do serviço de limpeza nas ruas, da manutenção do calçamento, da iluminação pública, da telefonia, da internet e de transporte público (ainda de questionável qualidade). A escassez de recursos financeiros atinge todas as famílias, sendo quase toda a renda comprometida com as despesas cotidianas da família e com a saúde (a maioria dos participantes conta apenas com o SUS). Pelos relatos, observamos o frequente histórico de doenças crônicas e a ausência das práticas de atividades físicas, de acompanhamento nutricional e das atividades de lazer.

Por se tratar de um beco e não de uma rua com entradas e saídas, atravessada por outras ruas movimentadas, a sensação de segurança é natural entre os participantes. O Beco é visto como lugar de convivência harmoniosa, mas também de uma sensação de proteção e segurança, proporcionada menos pelo poder público do que pela geografia física do beco.

Há pontos negativos: os moradores do Beco precisam encontrar em seu sistema de vida formas de convivência com ruídos excessivos dos vizinhos e com a pouca privacidade gerada pela proximidade entre as casas. Mas outros problemas podem ser regulados por agentes do poder público, como, por exemplo, a falta de sinalização de trânsito na rua. Por ser uma rua estreita, em geral os carros dos moradores precisam estacionar nas calçadas, na frente das casas de outros moradores, impedindo, por vezes, a saída e a entrada. Outro problema antigo são as enchentes, algo que já deveria ter sido resolvido pela prefeitura municipal.

5. DESCRIÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO: A “COMUNIDADE DO BECO”

A “Comunidade do Beco” que buscamos descrever é uma rua sem saída onde vivem 19 famílias e, para pelo menos 15 destas famílias, as histórias se entrelaçam desde 40 anos. Depois de muitos anos de convivência, a história deles estaria marcada por lutas em defesa da rua, pela amizade, pelos laços de solidariedade e cooperação, além das festas na rua e das dificuldades de enfrentamento dos desafios, um deles o isolamento.

Utilizamos roda de conversas, grupos de discussão e um método de apoio, a etnofotografia, para os primeiros levantamentos e identificações, que serão apresentados em dois tópicos: 1) e s) Narrativas do Beco.

5.1. REVELAÇÕES DA COMUNIDADE DO BECO

Com este tópico, o que se busca é apresentar os resultados obtidos com a aplicação do método de fotoetnografia, que revelam uma comunidade afetuosa, religiosa, com rotinas estabelecidas e muito dedicada à família. No que se refere aos temas das fotos, dois foram destacados: *animais* e *família*. Neste último, uma valorização às *crianças* que também vivem neste lugar.

Sobre micos. Nas explanações sobre os animais, os idosos destacaram o comportamento dos animais de estimação e outros. Por conta da proximidade do Beco com área de mata, alguns pequenos macacos costumam circular pelos muros das casas. Vanda enfatizou a presença dos micos no Beco e dizia: “vejo a tristeza nos olhos deles e dá vontade de chorar. Eu sou sensível. Isso mexe comigo... mexe comigo”. Segundo ela, pelos olhares dos animais, dava para perceber a carência deles e isto provocava uma vontade de levá-los para casa, para serem cuidados. Os outros participantes ouviam atentamente o relato de Vanda e se mostravam sensíveis a ele. A Ilda, ela afirmou: “os micos entram na minha casa, acredita? Eu tive que colocar tela na casa toda por causa dos micos”. Um misto de sentimentos: a alegria de ver os macacos e a tristeza de saber que não estão em seu habitat natural. Ilda também lembrou que gostaria de ter fotografado os passarinhos que a acordam todos os dias pela manhã, enquanto Vanda falava de seu papagaio de estimação.

Sobre família e crianças. A atenção se voltou principalmente para as fotos de netos recém-nascidos ou de crianças até cinco anos de idade. A beleza das expressões das crianças e as imagens projetadas nas fotografias despertavam atenção. Alguns imprimiram as fotos e se mostravam orgulhosos, querendo explicar os detalhes de cada foto. As fotos mostravam um olhar voltado para a casa, para o lado de dentro da casa, para as famílias (seus objetivos e comportamentos). Faz-se importante lembrar que, de acordo com o pré-diagnóstico que foi levantado, as pessoas saem pouco deste lugar onde buscamos registrar as narrativas, que cuidar de filhos e netos seria para eles sinônimo de lazer, assim como ir à missa.

Entretanto, a rua também é o principal lugar onde se dão as relações. Embora hoje se observe uma realidade distinta já vivenciada por eles ao longo dos 40 anos de convivência, memórias da rua foram resgatadas na roda de conversas e no grupo de discussão, quando mostradas as fotos. E aí começaram associações com o Beco. Segundo Vanilda: “Juntava todo mundo. Levava comida na rua, tinha arte, cada data comemorava”.

O saudosismo sobre o Beco tomou conta da conversa sobre as fotografias. Ilda perguntou: “por que acabou?”. Ela também se lembrou do problema do Beco como quadra de futebol: “era bola na janela, no portão, na casa”. Lídia também lembrou que “as pessoas vão envelhecendo e o barulho incomoda muito, e como incomoda”. E, assim, problemas que dizem respeito à falta de compreensão do lugar do outro, dos limites entre a boa

convivência e a invasão ao espaço do outro também foram destacados. Vanilda lembrou-se da festa junina e da época em que Vera morava ali e animava a festa. Ilda começou a recordar de outros aspectos, fazendo a conversa derivar para os problemas do Beco. Ela lembrou que os carros na rua não deixam ela entrar em casa, apesar das placas de trânsito advertindo. Os demais mostraram compreender a angústia de Ilda, e Maria Helena disse que todos têm que respeitar. Ilda diz que a questão dos carros lhe causa tristeza e disse que não fala nada porque fica antipatizada.

O lixo foi outro problema do Beco. Lídia disse que as pessoas de fora da comunidade estão jogando lixo no lote que existe na rua, que, no momento, está sendo utilizado como estacionamento. Ela sugeriu colocar placas educativas, enquanto outros sugerem a limpeza do lote. Vanda enfatiza a necessidade de educação ambiental. A comunidade se mobilizou para comprar latões comunitários de lixo, que estão sendo usados por moradores de outras ruas. Maria Helena disse que seria importante “cada um dar um tanto para comprar outro latão [de lixo]”, tentando dar uma solução. O Luiz também lembrou que as pessoas não respeitam o horário da coleta de lixo: o lixeiro passa e depois todo mundo coloca o lixo. Foi destacado também pelo grupo de idosos transformar o “lote vazio” em praça pública (lote de propriedade de um dos moradores), por exemplo, em razão da falta de áreas para lazer e de espaços públicos de convivência.

E assim os problemas foram sendo levantados e identificados na conversação conduzida por eles mesmos. Vanilda disse que “o córrego fedorento que passa ali, o bueiro fede muito”. Segundo Luiz, há anos este problema vem sendo apresentado ao poder público, visando a uma providência. Vanda apresenta a proposta de uma ação para transformar a rua em condomínio e Ilda nos lembra que este era um sonho do senhor Batisteli, uma pessoa que foi vizinha por algum tempo. E falar da rua trouxe mais lembranças da Vera, do sargento e, mais uma vez, começaram a falar das festas juninas.

Voltaram a falar sobre fechar a rua. Vanilda disse “e por que não? O prefeito deu rua para hospital, deu rua para condomínio, porque não pode autorizar fechar a entrada da nossa rua?”. E Ilda ainda se lembrava de seu problema que a entristecia: “cada um que tem o seu carro tem que ter a sua garagem”.

Lídia se fixou na festa junina e, em seguida, todos, já motivados, começaram a apresentar propostas para de novo realizar a festa para relembrar o clima de alegria do passado. Aos poucos ideias, planos e ações foram surgindo para viabilizar a festa. Eles se organizaram rapidamente e atribuíram tarefas para os que ali estavam presentes, tais como responsáveis por cortar as bandeirolas, conseguir recursos etc. Ilda esqueceu um pouco o problema dos carros e lembrou que uma vizinha doente precisava de apoio. E propuseram uma festa beneficente em favor da vizinha doente.

Ou seja, de uma conversação que começou estimulada pelas fotografias de micos, família e crianças, passando pelos problemas da rua, os próprios idosos terminaram a conversa planejando uma festa junina beneficente, determinando tarefas de organização da produção e venda da comida e das bebidas. Maria Helena destacou ainda o quanto se sentiu acolhida e querida no momento em que esteve doente, momento este em que pôde perceber “eu sou querida.. as pessoas vinham me visitar, cuidavam de mim...”. Lídia seguiu planejando a festa depois de encerrada a roda de conversas.

5.2. NARRATIVAS DO BECO

Conforme relatos dos participantes de nossa pesquisa (composto só por idosos), a comunidade é composta por vizinhos que formam uma rede de apoio, seja para educar os filhos, para levá-los a escola, para constituir espaços de lazer, para acolher os que passam por problemas de saúde, para combater as enchentes que atingem este lugar periodicamente. É assim que esta comunidade se compreende. Acredita-se que a comunidade possa ser mais bem compreendida com as apresentações das narrativas produzidas pelos seus próprios membros. Assim, para a apresentação das narrativas da Comunidade do Beco, os participantes, neste texto, serão mencionados apenas pelo seu primeiro nome. Vejamos alguns exemplos.

O Beco como sala de aula

Na área da Educação, uma proposta de complementação ao ensino formal sempre foi assumida por Ivanete, lembrada na comunidade como aquela que ensinava catequese para as muitas crianças da comunidade. Mas ela também ensinava tabuadas e tomava lições referentes às tarefas das escolas que as crianças levavam para casa. Em seu método de ensino, era mantida certa rigidez, mas ela, embora com uma aparência brava, transbordava uma doçura, acolhendo e preparando as crianças para as provas do calendário escolar e se alegrava a cada bom resultado. Ivanete assumiu a educação informal das crianças moradoras da comunidade como sendo sua tarefa.

As ações da Lídia, professora de educação física, também foram lembradas. Ela, em alguns momentos, transformou a sua casa em academia improvisada. A casa da Cida também foi transformada, desta vez, para servir à comunidade no tocante a aulas de bordados. Assim, o Beco já foi sala de aula.

O Beco como quadra de esportes

Já o marido da Ivanete, conhecido no lugar como o senhor Bem Bem, tinha um veículo da marca Kombi e gostava de cooperar com os pais levando os filhos para a escola. Todos os dias, antes de se dirigir ao

trabalho na Prefeitura do município, perguntava se havia alguma criança que precisava de carona para a escola.

Mesmo os senhores Bem Bem, Tunico e Manoel não gostando do futebol que a meninada jogava na rua, o Beco já foi palco de jogos como vôlei, peteca, queimada e outros. Todos se lembraram com risadas das bolas que batiam nas paredes das casas desses senhores, momento em que Bem Bem, Tunico e Manoel apareciam para confiscar a bola e impedir que os jogos continuassem. Momento da adrenalina das crianças, que corriam para se esconder até que os senhores se acalmassem e devolvessem a bola. O Beco já foi quadra de futebol e outros esportes.

O Beco como salão de festas

O lugar serviu de palco para festejos juninos e movimentos artísticos. A alegria e a vivacidade da Vera foram lembradas, pois ela dava o ritmo das festas de rua. O famoso “cachorro-quente” da Lena e sua disposição em servir de elo alegre entre os vizinhos, organizando as festas tradicionais na comunidade. Enquanto isto, Beth (Betinha) promovia ballet para as crianças, tentando compartilhar com as demais crianças de sua idade o que aprendia nas academias da cidade. O Emerson, que desde muito pequeno investiu no Teatro, também transformava o Beco em seu palco e estimulava outros colegas a conhecer este universo artístico. O Beco já foi palco para festas e arte.

O Beco como circo, brechó e inventividade

As brincadeiras vinham de todas as partes, de grupos que se formavam entre as muitas crianças que viviam ali, da rua e dos arredores, que apresentavam técnicas de mágicas e outras descobertas, para as quais em alguns momentos cobravam ingresso para revelar aos interessados. Na rua era possível observar práticas de “garagem”, vendas e trocas, para dispor do que não mais servia. Também da produção de pipas e outros brinquedos que caíam no gosto da vizinhança.

O Beco solidário no passado

A comunidade é composta por poucas casas distribuídas em uma rua sem saída de aproximadamente 100 metros de comprimento. A entrada do beco está situada próximo à margem do principal rio que corta o município de Ponte Nova. Em época de chuvas, o volume do rio aumenta e as águas invadem as ruas do beco, chegando a cobrir as casas. Alguns episódios das enchentes foram lembrados pelos participantes da pesquisa, principalmente os momentos de união, quando os moradores faziam festas no terraço das casas que estavam tomadas pelas águas. A água potável para a comunidade vinha da cisterna da casa do senhor José Luiz, e os filhos mais jovens ajudavam a limpar as casas da comunidade

(círculo de reciprocidade). A enchente de Ponte Nova do ano de 2008 foi a mais lembrada (e foi a mais noticiada nas principais mídias regionais e nacionais), pois ocorreu nas vésperas das festas natalinas: as águas atingiram mais da metade das casas da rua e cobriram boa parte delas. Segundo relatos nas rodas de conversa e no grupo de discussão, no dia 24 de dezembro poucas casas se livraram da enchente e poderiam acolher alguma festividade natalina. A casa mais limpa e seca foi escolhida para receber a vizinhança para a festa. Ali todos se juntaram, mesmo com pouco espaço, apertados, porém agradecidos por estarem com saúde, pela vizinhança e companheirismo. Mesmo ao lembrar o problema grave da enchente, os participantes da pesquisa não deixaram de apresentar o clima de alegria, união, de ajuda mútua e de superação das dificuldades. Todos mostraram sentir saudades destes momentos na comunidade: um lugar marcado por conflitos, contradições, mas marcado pela cooperação.

O Beco silenciado no presente

Entretanto, o momento presente parece ser de um Beco silenciado. Os depoimentos dos idosos refletem um tempo que passou e a ausência de autoestima dos idosos: as poucas crianças moradoras da comunidade e os jovens que saíram do lugar para construir suas próprias histórias. Alguns ainda retornam para visitar, mas a interação não seria mais a mesma: o modo de viver atual e o escasso tempo impedem as conversas cotidianas.

O Beco como um lugar das muitas atividades cedeu espaço ao silêncio, ao isolamento de alguns por conta de doenças e a certa melancolia. Tais aspectos observados seriam aqueles que debilitaram a cooperação e a reciprocidade na comunidade hoje, principalmente associados ao processo de envelhecimento sem atividade entre os moradores idosos do Beco.

Ainda há uma cooperação e respeito mútuo, inerente às experiências do passado e ainda presente na memória dos idosos. Hoje principalmente em situações de doença, os adultos e idosos costumaram ajudar. Mas existem os conflitos atuais entre pessoas de diferentes níveis educacionais e econômicos; as diferenças nos níveis de escolaridade, sendo que a maioria com apenas os primeiros anos de ensino fundamental. Em todas as casas do Beco, há pessoas com mais de 50 anos, que viajam pouco para outros lugares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como objetivo desenvolver uma experiência de constituição ou reconhecimento de um espaço pré-político em uma comunidade urbana, mais especialmente o público idoso da “Comunidade do Beco”, conseguimos levantar e identificar diversos aspectos que já poderiam compor uma pauta de discussões específica com potenciais a ser encaminhada às instâncias de deliberação política: o lixo, o estacionamento, área de lazer, poluição

sonora, esgotamento sanitário, enchentes, transformar a rua em condomínio.

Os encontros com os idosos podem ser considerados como tentativa de estabelecer um espaço de sociabilidade e interação comunicativa entre eles. Mas também identificamos uma política de cooperação e um círculo de reciprocidade que responde pelo funcionamento próprio do cotidiano da comunidade. No espaço pré-político, há muito mais a disposição voluntária em ajudar do que a “obrigação em participar” ou “a responsabilidade em representar” típica dos espaços deliberativos. Esta disposição voluntária propicia aos moradores o sentido de “estar junto”, característica fundamental dos espaços pré-políticos.

Com o trabalho até então realizado, foi possível caracterizar a comunidade estudada e mapear os problemas coletivos. Entretanto, para que o acoplamento seja possibilitado, recomenda-se que seja dada sequência ao trabalho, com a realização de grupos focais para dar direção à pauta de discussão para a resolução dos problemas levantados – pauta que deve conduzir o debate até a consolidação mínima de propostas, capazes de serem apresentadas aos representantes da política em espaços de deliberação municipal como câmara dos vereadores, conselhos comunitários, conselhos do executivo etc.).

No caso específico do grupo de idosos da “Comunidade do Beco”, aquela rua sem saída do bairro Triângulo seria a sua cidade, espaço privilegiado para a comunicação, microlugar onde os idosos assumem naturalmente um papel comunicativo na política de cooperação, sem necessidade de serem convocadas a colaborar com o coletivo. Envolvem-se menos na política partidária do que na solidariedade da rua.

Ao visualizarmos a configuração do espaço pré-político da “Comunidade do Beco”, em sua maioria idosa, compreendemos o sistema de vida comunitário, com suas várias visões dos problemas e soluções, permitindo ainda identificar aquilo que debilita a cooperação, a solidariedade e os círculos de reciprocidade. Os idosos reagiram ao isolamento da doença (da vizinha acamada) com uma festa beneficente; às enchentes, com uma festa natalina. Outras maneiras de sociabilidade podem ser estimuladas, como, por exemplo, a reivindicação de um espaço de lazer na rua.

Observamos o espírito festivo como algo inerente aos moradores da “Comunidade do Beco”. Assim, “lutando junto” pela sociabilidade e solidariedade, *praticam o envelhecimento ativo* e mostram a necessária intervenção do sistema do poder público no sistema de vida do Beco e o apoio aos espaços de lazer (mas também de atividades físicas) como forma de diminuir aquilo que debilita a cooperação e a reciprocidade na Comunidade.

Enfim, acredita-se que o esforço pela constituição e fortalecimento do espaço pré-político – anterior ao esforço de discussão específica dos problemas da comunidade – seja capaz de estimular a participação mais

efetiva de potenciais representantes do poder público, escolhidos pela própria comunidade como seu representante na câmara de vereadores e no poder executivo.

Em tempos em que o poder econômico parece decidir a política local e o futuro das comunidades, apontamos para a importância significativa do poder da cooperação e da reciprocidade dos sujeitos nos espaços de sociabilidade comunitária, capazes de ajustar coletivamente os afetos aos problemas locais e decidir os temas da pauta de discussões do poder público, definindo quem pode representar a comunidade nos espaços deliberativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autentica, 2013.
- _____. *Meios sem fim: notas sobre a política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CHAMBERS, S. Behind closed doors: publicity, secrecy and quality of deliberation. *The Journal of Political Philosophy*, Camberra/Austrália, v.12, n.4, p. 389-410, 2004.
- GOGGIN, G.; NEWELL, C. *Digital disability: the social construction of disability in new media*. Maryland/EUA: Rowman & Littlefield, 2003.
- GOODIN, R.E. Sequencing Deliberative Moments. *Palgrave Macmillan: Acta Politica*, v. 4, n.2, July 2005, p.182-196.
- HABERMAS, J. *Agir comunicativo e razão descentralizada*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- _____. *Teoria do Agir Comunicativo. Sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012a.
- _____. *Teoria do Agir Comunicativo. Racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012b.
- HENDRIKS, C. Integrated deliberation: reconciling civil society's dual role in deliberative democracy. *Political studies*, v.54, p.486-508, 2006.
- LANGMAN, L. From Virtual Public Spheres to Global Justice: A Critical Theory of Internetworked Social Movements. *Sociological Theory*, Washington, DC, v. 23, n. 1, pp. 42-74, 2005.
- MAIA, R.C.M. (Coord.). *Mídia e Deliberação*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008.
- MANSBRIDGE, J. Everyday talk in deliberative system. In: MACEDO, S. (Ed.). *Deliberative politics: essays on democracy and disagreement*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p.211-243.
- NEBLO, M. Thinking through democracy: between the theory and practice of deliberative politics. *Palgrave Macmillan: Acta Politica*,

- v. 4, n.2, July 2005, p.169-181.
- PAPERMAN, P. Les emotions et l'espace public. *Quaderni*, n.18, Automne, 1992.
- PALCZEWSKI, C. H. Cyber-movements, New Social Movements, and Counterpublics. In: ASEN, R.; BROUWER, D. C. (Orgs.) *Counterpublics and the state*. New York: State University of New York Press, 2001.
- REGUILLO-CRUZ, R. Ciudad y Comunicación: densidades, ejes y niveles. *Diálogos de la Comunicación* (Felafacs), v.1, n. 75, 2007.
- SENNET, R. *Juntos: os rituais, os prazeres e a política de cooperação*. São Paulo: Record, 2012.
- SILVA, R.D.G. Conversando sobre os conteúdos das mídias com jovens no rural: configurações de um espaço pré-político. *Aurora Revista de Arte, Mídia e Política*. São Paulo, v.10, n.28, p.86-103, fev-mai. 2017.